

A RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL EM JOÃO 3.1-21.

Gelci André Colli*
Willibaldo Ruppenthal Neto**

RESUMO

O evangelho de João se destaca dos demais evangelhos pela sua linguagem cheia de símbolos e pela presença de elementos e eventos que não são presentes nos demais evangelhos, como o caso da conversa entre Jesus e Nicodemos, contado em João 3.1-21, o qual se apresenta na teologia joanina como um texto não apenas relevante mas central, como verdadeiro coração deste evangelho.

Palavras-chave: Evangelho de João, novo nascimento, responsabilidade individual.

ABSTRACT

The Gospel of John stands out among the other gospels by its language full of symbols and the presence of elements and events that are not presented in the other gospels, as if the conversation between Jesus and Nicodemus in John 3.1-21, which is present in Theology of John as a text not only relevant but central, as the true heart of this gospel.

Key-words: Gospel of John, rebirth, individual responsibility.

... respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. (Jo 3.3)

O evangelista João usou uma variedade de recursos literários para expor sua mensagem do evangelho. Um destes recursos literários encontra-se em todo o evangelho de João – trata-se dos pares opostos, que dividem a realidade em dois domínios bem distintos: luz e trevas, bem e mal, verdade e mentira, céu e terra, vida e morte. Alguns teólogos entenderam esses pares opostos em João como uma influência da cosmovisão dualista proveniente do gnosticismo, porém quando analisado seu conteúdo, compreende-se que tal ideia do quarto evangelho não faz

* Doutor em Teologia pelo PPG das Faculdades EST de São Leopoldo/RS. Mestre em Ciências da Religião pelo PPG da UMESP de São Bernardo do Campo/SP. Professor na Faculdade Cristã de Curitiba/PR. Professor convidado na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) em Santo Ângelo/RS.

** Graduando em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP), e em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

justiça ao que João escreveu, pois seu dualismo é de ordem ética¹: trata-se de um dualismo de *decisão*, e não de essência, como na percepção gnóstica².

Outro recurso literário que facilmente se percebe no texto joanino é o dos diálogos. João apresenta algumas situações em que os interlocutores de Jesus demonstram incompreensão diante das suas declarações.

Essa técnica literária no autor manter um esquema tripartido: 1 – uma palavra de Jesus, geralmente paradoxal; 2 – a incompreensão dos ouvintes; 3 – ocasião para Jesus explicar o sentido da palavra³. Desse modo a incompreensão requer a explicação de Jesus, e isso reforça o tema do Filho que vem revelar o Pai, pois a pessoa natural não compreende as coisas do alto, e somente pelo Filho e pelo crer nele é que se alcança a revelação. Ou seja, a revelação se dá especialmente de forma centrífuga: o Cristo é a plena realização das profecias judaicas, mas estas só são plenamente compreendidas com a vinda do próprio Cristo⁴.

1. Contexto

O texto de João 3.1-21 é central dentro da teologia joanina. Este texto, porém, faz parte de um bloco maior no evangelho de João, e está bem no meio desse bloco, entre os capítulos 2 e 4. Deve ser compreendido na narrativa do início do ministério de Jesus em Jo 2.1-4.45. Portanto as narrativas anteriores (capítulo 2), e posteriores (capítulo 4), contribuem para a interpretação dessa mensagem, por lançarem luz a

-
- 1 Outro exemplo de utilização de um dualismo ético encontra-se no *Didaquê*, escrito que data do segundo século da Era Cristã e que tinha como principal objetivo ensinar a vida cristã. Neste texto encontra-se claramente uma lógica dos "dois caminhos" em sua primeira parte (capítulo 1 a 6), de teor claramente ético.
 - 2 O gnosticismo foi uma doutrina filosófica-religiosa que influenciou fortemente uma parte do cristianismo no início da Era Cristã (GONZÁLEZ, 2011, pp. 96-100). Teve grande influência das cultura do Egito e da Grécia, gerando uma doutrina de caráter místico/filosófico. Esta mistura resultou na ideia de Hermes Trismegisto, a mistura do deus grego Hermes e do deus egípcio Thoth, que apontava-se como autor do famoso *Corpus Hermeticus*, obra que tem o sentido de ser sintetizadora de todas as dimensões da inteligência humana, já que "o homem celeste é sublime em sentido tríplice: em sentido religioso, científico e artístico." VAN RIJCKENBORGH, 2006, p.17.
 - 3 Trata-se de um sistema literário de argumentação muito conhecido na antiguidade, a dialética, especialmente utilizada por Platão em seus "Diálogos". Platão transmitia o ensinamento de seu mestre, Sócrates, através de diálogos em que colocava este como interlocutor, apresentando sua ideia sobre algum assunto após alguma incompreensão ou compreensão equivocada de outro elemento do diálogo. João parece empreender algo muito parecido na transmissão da mensagem de Jesus, porém, trata-se de mensagens diferentes e métodos apenas semelhantes.
 - 4 A "Revelação Geral", assim como parte da Revelação específica do Antigo Testamento se dá de forma centrípeta: observando-se o conjunto, pela *razão* e pelo próprio texto do Antigo Testamento, pode-se aproximar-se de Cristo, porém, a plena Revelação se dá no sentido contrário, de Cristo para o resto, sendo Cristo o centro de toda a Verdade e por isso a Verdade em si, como João deixa claro em seu evangelho.

este texto central do terceiro capítulo, e este àqueles respectivamente. Sendo assim, é necessário que se analise primeiramente os elementos anteriores e posteriores ao texto de João 3.1-21.

No segundo capítulo do evangelho de João, Jesus começou seu ministério em Caná, uma pequena cidade da Galiléia, onde realizou seu primeiro milagre: a transformação da água em vinho nas Bodas de Caná. A narrativa (João 2.1-12) leva o leitor a refletir sobre a relação do bom vinho com a revelação de Deus na história⁵. A água transformada em vinho apontava simbolicamente para a passagem da antiga para a nova ordem que chegara com o Filho de Deus⁶. Após este evento, Jesus vai a Jerusalém para participar da Festa da Páscoa. No templo, Jesus promove a purificação daquele santuário, algo que ocorre apenas no final de seu ministério nos outros Evangelhos. No debate com os judeus, Jesus faz alusão a sua futura ressurreição, de modo que nem mesmo os discípulos compreenderam imediatamente, mas apenas quando ele ressuscitou dos mortos.

No final do terceiro capítulo do evangelho de João, mais uma vez João Batista aparece para dar testemunho de Jesus. Embora seja evidente a separação entre a narrativa de Nicodemos e a de João Batista no capítulo 3, não se pode deixar de perceber que as partes formam uma unidade, pois no texto de João Batista vários temas do diálogo com Nicodemos são retomados. Mais evidente ainda, sobre a ligação entre as duas narrativas, é o fato de elas culminarem numa exposição fundamental do objetivo do evangelho, a mensagem de que quem crer no Filho de Deus tem vida eterna e quem não crer permanece sob a ira de Deus.

Na sequência ao encontro com João Batista, Jesus vai até o Poço de Jacó na cidade de Sicar, região de Samaria. Ali, Jesus encontra uma mulher junto a um poço e inicia uma conversa. Embora essa mulher fosse desprezada duplamente – por ser mulher e por ser samaritana – pelo judaísmo ortodoxo. Da mesma forma que no diálogo com Nicodemos, a mulher apresenta dificuldade em entender do que Jesus

5 A própria *admiração* do mestre-sala tem a ver com esta analogia. "E lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já bebaram fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora." (João 2.10). Jesus Cristo, o Deus encarnado, veio após um longo processo de preparação, onde os judeus bebiam do vinho da Antiga Aliança, porém, Cristo surge com o verdadeiro vinho, o vinho da "Nova Aliança" (Lucas 22.20), vindo à história não tarde, mas na própria plenitude do tempo (Gálatas 4.4).

6 LEON-DUFOUR, 1996, p. 214.

estava falando. Porém, a samaritana conseguiu ir além de Nicodemos e chegou a dar testemunho de Jesus (João 4.28-29), embora não fosse completamente correta sua compreensão da pessoa de Jesus, já que ela o reconhece como um profeta⁷.

2. A Cena

A cena do texto de João 3.1-21 começa antes, no verso 23 do capítulo segundo em que o evangelista informa que Jesus estava em Jerusalém e ali, por fazer muitos sinais, muitos judeus criam nele. Interessante é a informação de que apesar de muitos crerem nele, é dito que Jesus não lhes dá crédito por conhecer o quão volúvel é o ser humano. A sequência da narrativa insere um fariseu chamado Nicodemos, descrito como alguém muito importante entre os judeus, que procura Jesus para ter uma conversa com ele. Este episódio, de encontro entre Jesus e Nicodemos, não é relatado nos demais evangelhos, sendo um elemento particular do evangelho de João.

Durante esta conversa Jesus diz a Nicodemos que ele deve nascer de novo, do alto, pela água e pelo Espírito, como condição *sine qua non* para ele ver e entrar no Reino de Deus. O tema do novo nascimento é introduzido como uma alusão ao batismo, que se tornou o rito cristão de iniciação⁸.

Nicodemos parece reconhecer Jesus como um mestre enviado por Deus, e as respostas de Jesus parecem ser respostas àquelas perguntas que Nicodemos *não fez*, de modo que ele não as entende.

Desta cena, porém, uma imagem se sobressai: em Jo 3.9, perplexo, Nicodemos pergunta a Jesus como seria possível ele nascer de novo, do Espírito. Ironicamente⁹ Jesus provoca Nicodemos dizendo que ele é mestre em Israel, mas mesmo assim

7 LEON-DUFOUR, 1996, pp. 215-218; SMITH, 1995, p. 28.

8 O batismo é claramente um ritual de iniciação, sendo a água um símbolo de morte/ressurreição, fim/novo começo presente em diversas religiões, como bem mostrou Mircea Eliade (1995). O batismo, porém, também tinha um sentido de ritual de nova vida através da imagem da "água viva", como bem destacou Jean Daniélou (1993), este símbolo do cristianismo primitivo que "no sentido ritual, ela designa a água batismal" (DANIÉLOU, 1993, p. 42).

9 A ironia, dizia Aristóteles, é "ingorância fingida". Porém, como bem destaca Alvaro L. M. Valls, "pelo menos em Sócrates", e acrescento – ou em Jesus –, "é muito mais do que uma 'ignorância fingida': é também certamente uma atitude crítica galhofeira, sem seriedade, ou pelo menos sem aquela seriedade carrancuda que tradicionalmente utilizamos". VALLS, 2000, p. 20.

não entende do que ele fala. Mesmo assim, Jesus explica a Nicodemos o que queria dizer, chegando a dar uma declaração concentrada da natureza e finalidade da mensagem do evangelho, o famoso verso de João 3.16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Nos últimos versículos do diálogo (João 3.17-21), descreve-se a natureza crítica do advento do Filho de Deus. Qualquer juízo, condenação ou salvação dependem da resposta da pessoa diante da revelação do Filho de Deus e sua obra salvífica. O encontro entre Jesus e Nicodemos marca um ponto de retorno ao início da narrativa em 2.13, quando Jesus entrou em Jerusalém e logo expulsou violentamente os mercadores que estavam no Templo. Assim, Jesus recebeu amigavelmente um representante da elite judaica, que ele mesmo, antes rejeitou de forma rude, gerando um contraste e evidenciando o elemento da responsabilidade individual.

3. A crise da responsabilidade individual

As implicações da narrativa são bem claras. Apesar de muitos judeus terem se entusiasmado com os sinais, Jesus demonstrou certo desprezo pela recepção positiva. Porém, Nicodemos é tratado de forma completamente diferente. A visita de Nicodemos à noite faz do cenário uma ilustração antecipatória da própria mensagem: Jesus é a luz que dissipa as trevas, como é declarado por Jesus nos versos 19 a 21 do terceiro capítulo de João:

¹⁹ O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

²⁰ Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.

²¹ Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus.

Nestes versos, o evangelista João retoma a imagem já utilizada no primeiro capítulo de seu evangelho: “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevalecem contra ela.” (João 1.4-5). Esta mesma imagem é ainda utilizada mais vezes por João, mas tem nestas duas passagens (do primeiro e terceiro capítulo) sua expressão central¹⁰.

¹⁰ No Evangelho de João a imagem da luz distingue quem é de Cristo de quem não é. Todo cristão tem luz (João 12.36), mas assim como João Batista, ilumina (João 5.35), mas não é de fato "a luz verdadeira" (João

Nicodemos, apesar de sua origem étnica, religiosa, e até mesmo por seu “grau acadêmico” serem impecáveis de acordo com a tradição judaica, não consegue compreender claramente a mensagem. Bem se sabe o grande apreço da Lei para os rabinos, que costumavam estudar até de noite de tão ávidos pela verdade de Deus. Mesmo assim Nicodemos, como seu grande representante, demonstra a condição humana diante do Filho de Deus¹¹. O ser humano natural não consegue compreender as coisas do alto.

Uma característica, porém, se mostra implícita no texto, pois percebe-se na leitura que Nicodemos abordou Jesus como uma pessoa desejosa de saber mais sobre seus ensinamentos e não como um descrente ou polemista, evidenciado aparentemente somente pelo fato de que Nicodemos procurou Jesus no período da noite. Mesmo assim, Jesus claramente não facilita o aprendizado de Nicodemos, mas restringe a conversa à condição da necessidade do novo nascimento para que Nicodemos chegue ao entendimento do que deseja saber. A revelação de Deus se dá de tal forma em sentido unilateral que Deus não apenas se apresenta ao homem como também apresenta as próprias questões que o homem gostaria de saber, sem nem mesmo ter consciência de sua ignorância. É nesse sentido que Jesus fala sobre “nascer de novo”, não se referindo à repetição do parto natural, mas à participação e intimidade com as coisas do alto, reveladas no Filho – trata-se de aproximar-se da luz, que se revelou para os homens: “Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não pereça nas trevas.” (João 12.46). João, porém, não fala em “nascer da luz”¹², mas vale-se de outras imagens: a *água* e o *espírito*.

A ideia do ato de nascer da água e do Espírito aponta para o batismo e para a vida

1.8-9), que é apenas Jesus.

11 KONINGS, 2005, p. 113.

12 O evangelho de João não chega ao ponto de afirmar uma ideia de "nascimento de luz" possivelmente pela relação desta ideia com o gnosticismo e a sua lógica dualista de negação da matéria, também presente na religiosidade hindu. O cristianismo, porém, é uma verdadeira “religião do corpo” (LÉONARD, 1994, p. 19), uma vez que valoriza o corpo pela sua teologia da ressurreição dos corpos, que não encaixa na compreensão dualista gnóstica. A lógica gnóstica, além de pôr a alma (ou espírito) e o corpo em contradição, também percebe o corpo como fonte de tudo que é ruim, identificando a própria *morte* com a alma, como algo positivo, superior, e não a *vida* como no pensamento hebraico. Para o gnóstico, assim como para o hindu, a luz está relacionada com a morte, enquanto que para o cristianismo “a vida era a luz dos homens” (João 1.4b). Desse modo, a visão dualista leva a ressurreição a ser negada ou compreendida como algo imaterial, numa ideia passada na sua linguagem enquanto “nascer de novo do Espírito da Luz e como espírito da Luz” (COOMARASWAMY, A. 1992, p. 86).

em comunhão com Jesus Cristo e sua igreja. Nicodemos, porém, não consegue entender essa linguagem porque não conhece a simbólica ritualística cristã que se formava ainda, além de não estar em comunhão com Jesus¹³. No entanto, o fato de que Nicodemos não rejeitou Jesus explicitamente, por defendê-lo (João 7.50-51), e por ajudar a sepultá-lo (João 19.39), parece indicar uma possível posterior conversão de Nicodemos, que não é confirmada no evangelho, mas que pelo menos se mostra como uma simpatia que permanece da parte dele para com Jesus¹⁴.

Por três vezes Nicodemos demonstra sua dificuldade em compreender Jesus, como se percebe nos versos 2, 4 e 10 do terceiro capítulo de João. Nas três respostas, Jesus solenemente iniciou com sua expressiva afirmação “em verdade, em verdade te digo...”. O esquema sequencial no diálogo, marcado pela abertura solene de Jesus em suas respostas, ajuda a especificar e precisar a temática, além de esclarecê-la aos olhos de quem crê¹⁵.

Na abertura da última resposta, onde o diálogo com Nicodemos parece converter-se num monólogo (Jo 3.11-21), pois Nicodemos não aparece mais depois do v. 10, Jesus introduz um elemento inicial diferente. Logo após a repetição da afirmação feita anteriormente: “Em verdade, em verdade te digo que *nós dizemos o que sabemos e testemunhamos o que temos visto*” (João 3.11). Tal expressão como se apresenta na primeira pessoa do plural, o *nós*, deixa clara a distância entre o grupo de Nicodemos e os que ele representa (o judaísmo como um todo), em relação ao grupo de Jesus e seus discípulos. Não é somente Jesus que sabe das coisas que confundem Nicodemos, mas também os que andam junto com ele sabem e em comunhão com ele dão testemunho delas¹⁶.

O silêncio de Nicodemos é marcante e deixa suspenso no ar as alternativas

13 KONINGS, 2005, p. 114.

14 SMITH, 1995, p. 28.

15 FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 308.

16 A intervenção de João no final do capítulo 20 de seu Evangelho se dá neste sentido (de testemunho e comunhão), pela autoridade de testemunha que possuía enquanto discípulo e apóstolo: "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhai vida em seu nome." (João 20.30-31). O evangelista Lucas vale-se desta mesma autoridade, mesmo não tendo sido apóstolo, por dispor das informações daqueles que foram testemunhas oculares, como deixa claro no prefácio de seu evangelho (Lucas 1.1-4). O testemunho é um caráter elementar do cristianismo, uma vez que é o que definiu mesmo a autoridade espiritual de seus discípulos, que se diferenciam das demais pessoas por este fator: "Vós sois testemunhas destas coisas." (Lucas 24.48).

possíveis do ser humano diante do evangelho. É como se duas comunidades, dois grupos, cujos interesses eram aparentemente próximos se tornassem tão divergentes e opostos quanto a luz e as trevas. Tal diferença é tão profunda que impossibilita a própria comunicação¹⁷ – parecem falar línguas diferentes e já não podem mais conversar¹⁸.

Na última resposta de Jesus, o que antes era passado por frases de linguagem complicada para Nicodemos, agora apresenta-se com maior nitidez, expressando a existência das duas únicas alternativas, deixando a importância da escolha claramente estabelecida. Porém, antes da apresentação das duas escolhas, Jesus faz uma alusão à sua crucificação e ao mistério da revelação de Deus no Filho. Tal revelação, cuja plenitude se dá na morte e ressurreição de Cristo, muda o próprio status daqueles que creem nele, de forma que passam a ter a vida eterna e tornam-se filhos de Deus, como dito no primeiro capítulo de João: “Mas a todos que o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome” (João 1.12). O elemento que Jesus utiliza aqui para anunciar sua crucificação, porém, se dá de maneira diferente dos Sinóticos que entendem-na como o sofrimento e martírio de Jesus. Aqui na teologia de João, a morte de Jesus parece uma *elevação* após a “descida” que Jesus fez vindo ao mundo da parte “do alto”:

¹³ Ora, ninguém sibiú ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem.

¹⁴ E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado,

¹⁵ para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.

Em João a imagem da morte de Cristo é revestida da noção de *elevação* e até mesmo da *glorificação* de Cristo. Assim, a própria salvação que o Filho trás e o meio pelo qual ele a realiza, são revelação do alto que nenhum ser humano natural pode compreender, sendo necessário, para tanto, o *passo de fé*¹⁹. A mensagem procura

¹⁷ Tal diferença de linguagem e conseqüente impossibilidade de comunicação era intencional, uma vez que Jesus mesmo explica que fala em parábolas pois "vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías" (Mateus 13.13b-14a). Mesmo os discípulos de Jesus tinham certas dificuldades em alguns momentos para entender o que o mestre falava, mas o mestre lhes ensinava em particular e por fim, com a compreensão de quem é Jesus, passaram a ter pleno entendimento de sua mensagem.

¹⁸ LEON-DUFOUR, 1996, p. 228.

¹⁹ KONINGS, 2005, p. 116.

deixar claro aos leitores que Deus enviou seu Filho não para *julgar*, mas para *salvar* o mundo. Essa salvação, porém, pode ser *aceita* ou *rejeitada* pelo *indivíduo* que se depara diante da mensagem. Exige-se do ser humano que chegue a tornar-se responsável por sua atitude diante do evangelho cuja salvação é oferecida por Deus através de Jesus Cristo.

O monólogo de Jesus termina com uma frase crítica no verso 21: “Quem pratica a verdade se aproxima da luz...”. Essa expressão é o oposto das obras más no verso 20. Logicamente o oposto de “obras más” deveria ser “boas obras”, porém João utiliza em seu lugar a ideia da “aproximação à verdade”.

O termo grego utilizado para verdade é *aletheia* e tende a significar não uma verdade daquilo que é senso comum ou natural, que é conhecida, mas algo que vem a ser *desvelado*²⁰. Isso porque o sentido prático visual do termo é de algo sendo descoberto ao se retirar o véu que o cobre. Nesse sentido, a verdade que aqui deve ser praticada só pode ser através do recebimento do dom divino, ou seja, ter uma nova compreensão de si mesmo através da fé em Cristo. Assim como a vinda do Filho foi iniciativa do Pai – pois ele deu o seu Filho Unigênito –, assim também parte do Pai a revelação dessa verdade quando alguém se apercebe dela com, e, pela fé²¹. A verdade é conhecida somente por quem não se retrai diante dela²².

A verdade no evangelho de João não é uma realidade que pode ser apreendida cognitivamente. Por ser divina, deve ser recebida como o plano salvífico de Deus através de seu Filho, e essa verdade/salvação recebida deve ser construída na realidade do novo nascimento.

20 Certamente na perspectiva cristã a racionalidade do homem é uma demonstração de sua proximidade *por semelhança* com Deus (LEWIS, 2005, p. 6), mas há também a proximidade *por acesso*, que se dá através da piedade e da relação com o Filho de Deus, porém, “quando distinguimos a proximidade por semelhança da proximidade por acesso, vemos que elas não coincidem necessariamente. Podem coincidir ou não.” (LEWIS, 2005, p. 7). Ou seja, a razão pode não coincidir com a Revelação. É Deus quem “se dá a conhecer”, como mostram as histórias bíblicas: “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania (...), a saber, que algo de sagrado se nos revela.” (ELIADE, 1995, p. 17).

21 É interessante notar que quando os discípulos de Jesus não compreendem o que este quer dizer com “acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus”, Jesus não os repreende por ignorância, por pensarem que se tratava de pão realmente, mas repreende-os por falta de fé: “Percebendo-o Jesus, disse: Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão? (...) Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.” (Mateus 16.8 e 11).

22 HUBNER, 1998.

Conclusão

O novo nascimento parece ter sido para Nicodemos um desafio tão grande que praticamente o “suspendeu imóvel no ar”. O deixou provavelmente paralisado até que tomasse uma decisão que definiria sua existência. João não relata que decisão Nicodemos tomou, mas deixou claro que Jesus exigiu uma decisão de Nicodemos e de quem mais quisesse segui-lo.

Como foi para Nicodemos, o novo nascimento permaneceu ao longo do cristianismo vinculado à compreensão e recepção do evangelho com fé viva. Em outras palavras, entende-se na religião cristã a imagem do “novo nascimento” como um processo de arrepende-se e converter-se, vindo a crer na pessoa e obra de Jesus Cristo e tornando-se filho de Deus à imagem do próprio Cristo. É uma inserção no mundo²³ de uma natureza nova e do alto, ou seja, *sobrenatural*²⁴.

Como qualquer nascimento natural, o nascimento espiritual apresenta-se como um elemento que se dá na própria temporalidade, como o próprio Deus que se dá na história – cujo nascimento natural permitiu o nascimento sobrenatural dos demais. Sendo assim, o nascimento espiritual tem uma data, apresenta-se em um tempo determinado, de forma que a nova natureza, do alto, inicia justamente com a conscientização da condição humana – quando o ser humano passa a perceber o estado de “densas trevas” em que está e a necessidade de voltar-se para Deus. Assim, tal necessidade não se apresenta apenas como uma alternativa, mas enquanto *única esperança de salvação*.

23 A inserção de Deus se dá no mundo, não fora. Trata-se do eterno dentro do próprio temporal, de Deus na história, de tal forma que isto se dá em Cristo e em cada cristão: "No cristianismo, é necessário procurar esta vida divina, não fora do humano, mas através do humano. Está no humano sem ser do humano; transparece nele com a mesma pureza delicada com que aparece na tua Pessoa divina." (LECLERCQ, 1997, p. 40).

24 As leituras do novo nascimento enquanto realidade puramente *psicológica*, como é o caso de interpretações a exemplo das de Friedrich Nietzsche, o qual afirmou que a mensagem de Jesus seria psicológica e o "reino dos céus é um estado da alma, e não o que quer que seja que suceda para além da terra ou depois da morte" (NIETZSCHE, 1988: 68-69), e de Carl Gustav Jung, que defende que a mensagem cristã seria sobre a "integração do inconsciente na consciência" (JUNG, 1979: 45), são equivocadas, uma vez que negam a principal dimensão do evangelho de João, que é a própria dimensão *espiritual*. O evangelho de João era o evangelho favorito de ambos (Nietzsche e Jung), especialmente pela flexibilidade resultante dos elementos simbólicos tão presentes neste evangelho e que abrem para a possibilidade das mais variadas leituras – sem que por isso sejam todas corretas.

Os judeus, ávidos por sinais²⁵, cujo grande símbolo no texto, é Nicodemos, ávido por conhecer mais profundamente as coisas concernentes ao Reino de Deus, são contrastados no evangelho joanino com as figuras de João Batista e a mulher samaritana. Diferente dos judeus, estes dois conseguem cada um reconhecer, mediante revelação, quem é Jesus²⁶. Os judeus, porém, sucumbem no meio das “densas trevas” que cercam a humanidade – iludidos pelo “fermento” que fabricaram, pensando ser suficiente a ideia de que só de pão viverá o homem²⁷, quando na verdade o verdadeiro pão, que vem do céu, é, explicitamente declarado no evangelho de João, a única forma de salvação e saciação²⁸, como dito em João 6.48-51:

⁴⁸ Eu sou o pão da vida.

⁴⁹ Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

⁵⁰ Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça.

⁵¹ Eu sou o pão que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

A mensagem de todo o evangelho de João, especialmente de João 3.1-21 é de que as dúvidas e incertezas naturais do ser humano o impedem de se aproximar a Deus com fé, e este é o grande impedimento. Nicodemos sentiu a tensão da hora definitiva, o peso da responsabilidade que se apresenta a todo ser humano, mesmo pelo que se costuma chamar de "consciência". Sua decisão não ficou registrada no evangelho, mas a mensagem foi-lhe passada, assim como para muitos outros através do texto de João. No Quarto Evangelho, a salvação pela fé e a responsabilidade individual que se desenvolverão na teologia cristã com Paulo, já se mostra evidente para um olhar atento de conjunto, e que releva os sentidos corretos da mensagem de Jesus para um judeu de seu tempo, que se preserva como

25 Referência a I Coríntios 1.22.

26 "Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos." (Mateus 11.25); "Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios." (I Coríntios 1.22-23).

27 Referência a Deuteronômio 8.3; Mateus 4.4; Lucas 4.4.

28 O evangelho de João é o único que não conta a história da primeira ceia, sendo considerado seu capítulo 6 como um texto objetivado em explicar o mistério da ceia. Trata-se de um capítulo especialmente importante na teologia católica, que compreende-o na ótica da eucarística da transubstanciação. Na teologia católica a mensagem joanina da eucaristia tem o princípio em Nicodemos: "O princípio desta secção estava encabeçado pela figura de Nicodemos, o judeu que necessitava da obra do Espírito em si próprio, para penetrar na profundidade dos sinais. O final está marcado pela participação eucarística. Duas realidades complementares. Não é só a força do Espírito que leva o homem até sua incorporação a Cristo, mas vai acompanhando necessariamente da participação vital da eucaristia." (CALLE, 1985: 77).

mensagem a cada um que se depara com o evangelho²⁹. A cada um cabe a resposta – não se sabe a resposta de Nicodemos e mesmo esta omissão tem seu sentido. Ela objetiva fazer o leitor se deparar com a necessidade de dar uma resposta, fazer uma escolha entre luz e trevas, Reino de Deus e mundo.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

CALLE, Francisco de la. *Teologia do Quarto Evangelho*. 2 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

CHENU, Marie-Dominique. *O despertar da consciência na civilização medieval*. Trad. Juvenal Savian Filho. São Paulo: Loyola, 2006. (Leituras Filosóficas).

COOMARASWAMY, Ananda. *O que é civilização*. São Paulo: Siciliano, 1992.

DANIÉLOU, Jean. *Símbolos cristãos primitivos*. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II – Lucas e João*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GONZÁLEZ, Justo L. *E até aos confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo. v. 1. A era dos mártires*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HORSTER, G. *Teologia do Novo Testamento*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2009.

HUBNER, H. "aletheia", in: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Vol. I (a - k). Salamanca: Ed. Sigueme, 1998.

JUNG, Carl Gustav. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

KONINGS, J. *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LECLERCQ, Jacques. *O mistério do Deus-homem*. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1997.

LÉONARD, André. *Cristo e o nosso corpo*. Trad. Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1994.

²⁹ A admiração e a novidade do evangelho – cujo sentido etimológico significa justamente "boa nova" –, permaneceu ao longo da história do cristianismo de tal forma que no século XII Pedro Abelardo cria sua "moral da intenção", dando uma nova ênfase no sujeito e na pessoa humana diante da religião cristã, do pecado e da salvação. CHENU, 2006: 19-29.

LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João – 1*. São Paulo: Loyola, 1996.

LEWIS, C. S. *Os quatro amores*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: ensaio de uma crítica do cristianismo*. Trad. Pedro Delfim Pinto dos Santos. 7 ed. Lisboa: Guimarães Editora, 1988.

SMITH, D. Moody. *The Theology of the Gospel of John*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2000.

VAN RIJCKENBORGH, Jan. *A gnosis original egípcia e o seu chamado no eterno presente: o Corpus Hermeticum de Hermes Trismegisto comentado por Jan Van Rijckenborgh. Tomo I*. 2 ed. Jarinu: Ed. Rosacruz, 2006.